



AGENDA DA SEMANA

INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

Números de atividade econômica do Brasil, EUA e China movimentam a semana

Na agenda de indicadores, o mercado monitora os resultados das *proxies* mensais do PIB de maio para calibrar as expectativas para o desempenho da economia no 2º trimestre. O Banco Central divulgou hoje (15) cedo o índice IBC-Br de atividade econômica, que mostrou ligeira alta de 0,25% em maio, puxado pelo bom desempenho do varejo. O resultado deixou um carregamento estatístico de 0,4% para o indicador no 2º trimestre, sinalizando que o PIB deve voltar a crescer neste 2T24, ainda que abaixo do desempenho do trimestre anterior. Vale destacar que o resultado pode ser considerado positivo, dado que maio foi o mês mais afetado pelas enchentes no RS e mostrou impactos mais contidos do que o esperado. Além disso, os dados de junho devem apontar recuperação, especialmente nos segmentos mais impactados pelo desastre climático. Já a FGV divulga o Monitor do PIB na terça (16). Em conjunto, os últimos dados tem mostrado que a atividade segue relativamente aquecida, liderada pelo consumo das famílias, colocando um viés de alta para as projeções do PIB do 2º trimestre.

Em relação à inflação, a FGV divulga o IGP-10 de julho na quarta-feira (17), que deve mostrar arrefecimento dos preços no atacado. A expectativa é de alta de 0,35% no mês (ante 0,83% em junho), favorecido pela menor pressão dos itens industriais, além do alívio sazonal sobre os alimentos *in natura*. Ainda assim, o índice deve acelerar em 12 meses, de 1,79% para 3,27%.

No cenário internacional, destaque para os dados de atividade de junho da economia norte-americana, que podem consolidar as apostas de, pelo menos, dois cortes de juros pelo Fed ainda neste ano. As atenções se voltam na terça (16) para as vendas no varejo que deve recuar 0,3% no mês, o que confirmaria a acomodação do consumo das famílias no 2T24, após recuo do setor em abril (-0,2%) e relativa estabilidade em maio (+0,1). Já a produção industrial, cujo resultado será conhecido na quarta (17), tem expectativa de alta de 0,3%. Ainda nos EUA, teremos ao longo da semana dados do setor imobiliário referentes ao mês de junho e a divulgação do relatório Livro Bege, elaborado pelo Fed.

Os agentes também devem ficar atentos aos desdobramentos em relação ao atentado contra o ex-presidente e candidato pelo Partido Republicano, Donald Trump. Vale notar que hoje começa a Convenção do Partido Republicano que ratificará a sua indicação como o candidato pelo partido, que deve ter um esquema de segurança bastante reforçado. A tendência é que o atentado aumente o favoritismo de Trump na corrida para a Casa Branca. Caso se confirme este favoritismo, importante analisar como ele se refletirá nos mercados, em especial, sobre a política fiscal do novo governo, além das implicações geopolíticas.

Na Europa, o Banco Central Europeu (BCE) deve manter a principal taxa de juro do bloco estável em 4,25% na reunião desta quinta-feira (18). Após ter iniciado o ciclo de cortes na reunião anterior, o BCE deve manter os juros inalterados, reforçando a sua comunicação de que o ciclo de queda dos juros será gradual e intercalado entre reuniões, dado que o processo de desinflação tem ocorrido de forma lenta nos últimos meses. Na quarta (17) será conhecida a leitura final da inflação ao consumidor (CPI) de junho, que deve desacelerar para 2,5% (ante +2,6%) no acumulado em 12 meses, se mantendo acima da meta de 2%.

Na China, foram divulgados ontem (14) os dados do PIB do 2º trimestre deste ano, que mostrou desaquecimento da atividade no período, com alta anual de 4,7% (ante 5,3% no 1T24). O resultado ficou abaixo do esperado (+5,1%) e segue apontando para um quadro de consumo das famílias pouco dinâmico, enquanto o setor imobiliário segue em crise. Apenas a indústria e as exportações tem mostrado números positivos, beneficiados pelos estímulos governamentais. No geral, os números devem aumentar a pressão sobre o governo chinês, dado que põe em dúvida a possibilidade da China atingir a meta de crescimento de 5% neste ano. Neste sentido, o mercado deve ficar atento à sessão plenária que será realizada pelo Partido Comunista entre os dias 15 a 18 de julho, que pode trazer novas diretrizes para política econômica do país.

A próxima página traz o quadro completo da agenda de indicadores com as datas de divulgação e projeções de mercado.



INDICADORES DA SEMANA

NACIONAL

Data	Indicadores Nacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
15/jul	BCB: Índice de Atividade Econômica (IBC-Br)	Mai/24	0,3% m/m 1,1% a/a	0,0% m/m 4,0% a/a
16/jul	FGV: Monitor do PIB	Mai/24	-	-0,1% m/m 5,1% a/a
17/jul	FGV: IGP-10	Jul/24	0,35% m/m 3,27% a/a	0,83% m/m 1,79% a/a

Fonte: Bloomberg.

INTERNACIONAL

Data	País ou Região	Indicadores Internacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
14/jul	China	PIB	2º tri/24	5,1% a/a	5,3% a/a
14/jul	China	Produção Industrial	Jun/24	5,0% a/a	5,6% a/a
14/jul	China	Vendas no varejo	Jun/24	3,4% a/a	3,7% a/a
15/jul	Zona do Euro	Produção Industrial	Mai/24	-0,7% m/m	-0,1% m/m
16/jul	EUA	Vendas no varejo	Jun/24	-0,3% m/m	0,1% m/m
17/jul	Zona do Euro	Inflação ao Consumidor (CPI)	Jun/24 – final	0,2% m/m 2,5% a/a	0,2% m/m 2,6% a/a
17/jul	EUA	Produção Industrial	Jun/24	0,3% m/m	0,9% m/m
17/jul	EUA	Construção de casas novas	Jun/24	1,8% m/m	-5,5% m/m
17/jul	EUA	Alvarás para novas construções	Jun/24	0,1% m/m	-2,8% m/m
17/jul	EUA	Livro Bege	-	-	-
18/jul	Zona do Euro	BCE – Reunião de Política Monetária	-	3,75% aa; 4,25% aa 4,50% aa	3,75% aa; 4,25% aa 4,50% aa

Fonte: Bloomberg.

ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

INDICADORES ECONÔMICOS

IPCA vem abaixo do esperado, enquanto atividade surpreende em maio

O IPCA desacelerou para 0,21% em junho (ante +0,46% em maio), surpreendendo positivamente o mercado, que esperava alta de 0,30%. A leitura mostrou uma composição positiva, com surpresas baixistas disseminadas entre os principais itens do indicador. Ainda assim, o índice voltou a acelerar em 12 meses, atingindo 4,23% (ante 3,93%) e se afastando do centro da meta (3%).

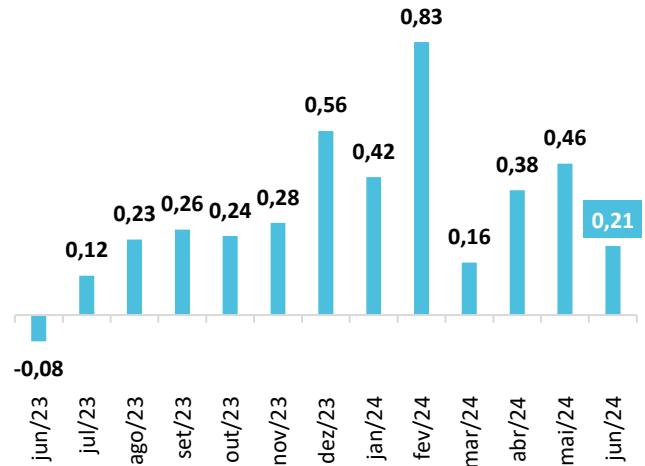
No mês, a principal alta veio novamente dos preços dos alimentos consumidos no domicílio (+0,47%), ainda que desacelerando pelo 2º mês consecutivo. As maiores influências vieram da batata-inglesa (+14,49%), do leite (+7,43%) e do arroz (+2,25%), refletindo o período de entressafra dos produtos, além das enchentes no RS. Por outro lado, os itens *in natura* começam a mostrar descompressão, típico para essa época do ano, com queda dos preços das frutas (-2,62%) e verduras (-0,75%), movimento que deve se aprofundar em julho.

Outros itens com contribuições relevantes para a inflação do mês foram: gasolina (+0,64%), ainda sem capturar o recente reajuste anunciado pela Petrobras; medicamentos (+0,52%) e taxas de água e esgoto (+1,13%). Na outra ponta, a queda de 9,9% dos preços das passagens aéreas contribuiu para conter o avanço do índice, com o recuo mais do que devolvendo a alta de maio (+5,91%).

No geral, o IPCA mostrou uma dinâmica relativamente benigna da inflação em junho. Houve desaceleração em 7 dos 9 grupos analisados, enquanto o índice de difusão (% de itens em alta) recuou para 52,3% (ante 57,3% em maio). Já a inflação de serviços (subjacentes) desacelerou de 4,78% para 4,45% no acumulado em 12 meses, enquanto a média dos núcleos* acompanhados pelo BCB ficou praticamente estável, em 3,58%. Apesar de algum alívio, tais métricas ainda rodam acima do centro da meta de inflação.

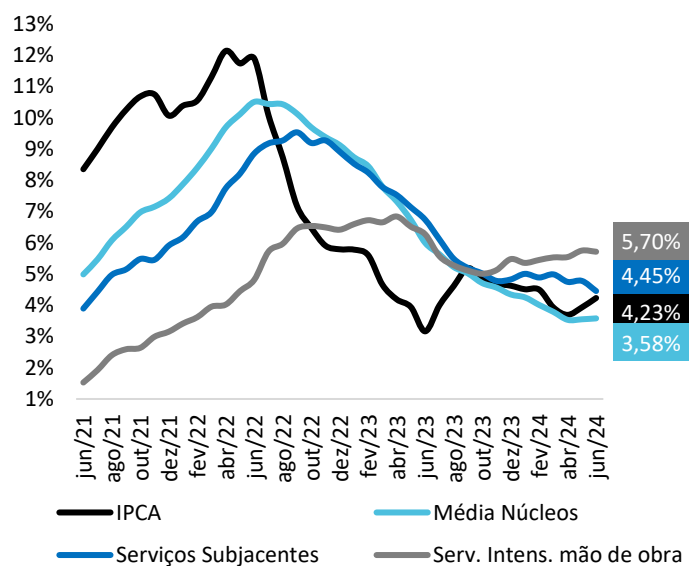
Em julho, os preços administrados devem impactar o indicador, com o acionamento da bandeira tarifária amarela nas contas de energia e os reajustes da gasolina e do gás de cozinha implementados pela Petrobras. Assim, o resultado positivo junho deve apenas compensar as pressões altistas do mês seguinte, mantendo as projeções para o IPCA de 2024 próximas a 4%. Em relação à condução da política monetária, o resultado não deve ser suficiente para que o Copom volte a cortar os juros, embora reduza consideravelmente o risco de alta da taxa Selic neste ano.

Quadro 1: IPCA – Var. % mensal



Fonte: IBGE

Quadro 2: IPCA e Índices Subjacentes – Var.% Acumulada em 12 meses



Fonte: IBGE. *Médias aparadas com suavização; Dupla ponderação; EX-0; EX-3; Percentil 55

No âmbito da atividade, os dados do varejo e dos serviços divulgados pelo IBGE surpreenderam positivamente em maio, ao mostrar impactos limitados das enchentes no RS, sugerindo um PIB mais forte que o esperado no 2º trimestre.

As vendas no varejo cresceram 0,8% em maio, contrariando a expectativa de queda de 0,7% esperada pelo consenso do mercado. Parte da surpresa altista se deu em função do impacto mais contido das enchentes no RS, com o Estado registrando queda do setor (conceito ampliado) de apenas 2,8% no mês (melhor do que Roraima e Rondônia, por ex.). O resultado deixou um carregamento estatístico (*carry over*) positivo de 0,3% para o varejo no 2º trimestre.

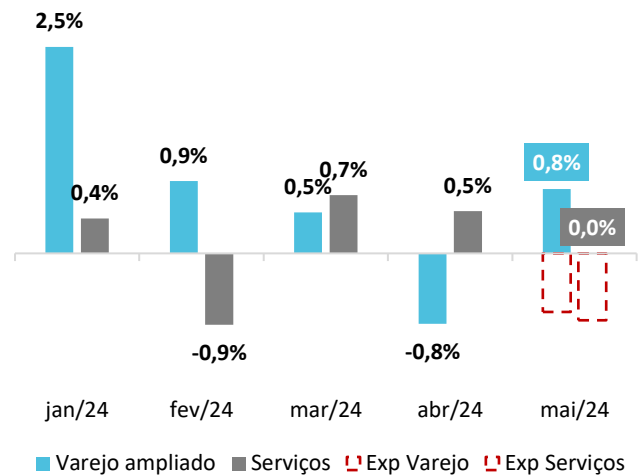
De toda forma, o resultado do mês não foi homogêneo, com alta em 5 das 10 atividades pesquisadas pelo IBGE. O avanço do varejo foi puxado pelas atividades mais ligadas à renda das famílias, que tem se beneficiado do aumento da massa salarial da economia. Destaque para o crescimento das vendas nos supermercados (+0,7%), que já acumula alta de 6,6% no ano. Outras atividades relevantes do setor como as vendas de itens de vestuário (+2,0%), outros artigos de uso pessoal e doméstico (+1,6%) e artigos farmacêuticos (+0,2%) também avançaram no mês. Já as atividades mais ligadas ao crédito tiveram um desempenho mais tímido, como as vendas de veículos (-2,3%), materiais de construção (-3,5%) e móveis e eletrodomésticos (-1,2%), embora parte de tal queda possa ser explicado por problemas de oferta gerados pela crise no RS.

O setor de serviços também surpreendeu ao ficar estável (0,0%) em maio, ante expectativa de queda de 0,8%. A variação nula ocorreu depois de 2 meses seguidos de alta, deixando uma herança estatística positiva de 0,5% para o 2º trimestre.

A surpresa positiva se concentrou nos serviços prestados às famílias (+3,0%), que se beneficiou de grandes shows internacionais e o Dia das Mães no período, devolvendo assim a queda de abril (-2,7%). No entanto, a predominância foi de resultados negativos, com retração em 3 das 5 atividades analisadas. Neste caso, o pior resultado veio dos serviços de transporte (-1,6%), afetados pelo menor fluxo aéreo e terrestre na região Sul, diante da tragédia no RS.

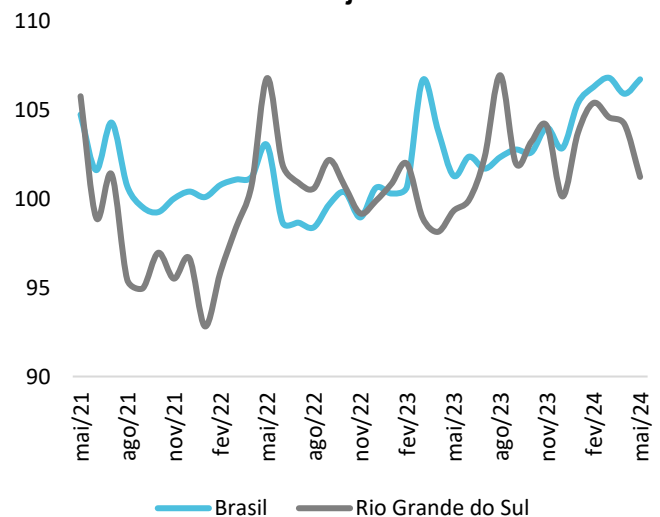
Em suma, os números de atividade de maio trouxeram um quadro mais positivo que o esperado, mesmo com as enchentes no RS. Tal surpresa pode ser explicada pelo aumento da massa salarial, que tem impulsionado o consumo das famílias. Assim, o PIB do 2T24 deve voltar a registrar crescimento, ainda que menor do que o observado no 1T24 (+0,8%).

Quadro 3: Varejo Ampliado e Serviços – Var.% mensal



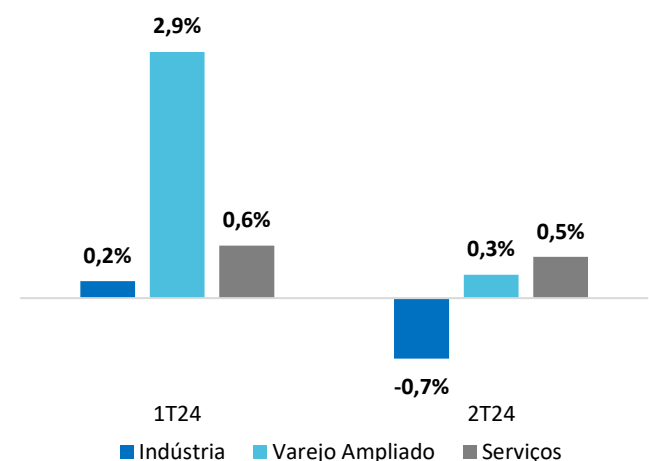
Fonte: IBGE

Quadro 4: Varejo Ampliado – série com ajuste sazonal



Fonte: IBGE

Quadro 5: Indicadores de Atividade Var.% trimestral*



Fonte: IBGE. * Carry over para o 2T24

Indicadores Econômicos – Cenário Internacional

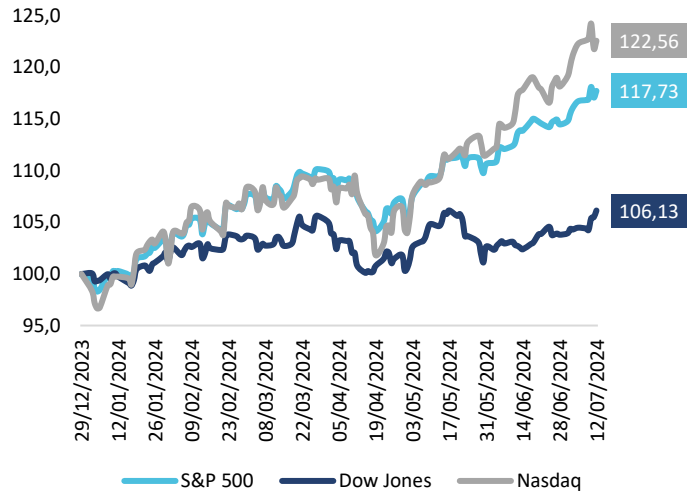
Alívio da inflação nos EUA abre discussão sobre três cortes de juros neste ano

O sentimento positivo voltou a predominar nos mercados na última semana, levando a novos recordes entre os principais índices acionários dos EUA (S&P 500 e Nasdaq), devido ao alívio apresentado pela inflação ao consumidor (CPI), que registrou ligeira deflação em junho. Na mesma direção, o discurso no Senado norte-americano do presidente do Fed, Jerome Powell, foi bem-recebido. Powell apontou que a inflação tem feito progresso em direção à meta nos últimos meses, ainda que de forma modesta; enquanto o mercado de trabalho tem desacelerado. Desta forma, os agentes praticamente dão como certo o início do ciclo de cortes de juros nos EUA na reunião de setembro (probabilidade de 95%). A dúvida agora é se haveria espaço para três cortes consecutivos ainda neste ano, o que ainda parece ser otimista. Já os balanços de alguns dos maiores bancos dos EUA não empolgaram, diante da percepção que a margem de juros deve encolher neste ano, enquanto os gastos com PDD tem subido.

Quanto aos dados, o CPI de junho surpreendeu positivamente ao recuar 0,1% no mês, onde era esperada uma alta de 0,1%. A queda foi relativamente disseminada entre os itens, com destaque para a forte queda no preço da gasolina (-3,8%). Outros pontos positivos vieram de itens que dão mais confiança no processo de desinflação, como a queda no preço dos veículos usados (-1,5%) e itens de transporte (-0,5%), bem como a desaceleração dos preços dos alugueis, que subiram apenas 0,1% em junho. Com isso, o indicador desacelerou para uma alta anual de 3,0% (ante 3,3%). Outra notícia positiva veio do núcleo do CPI, que subiu apenas 0,1%, também abaixo do esperado (+0,2%), levando a métrica anual para 3,3% (ante 3,4%), menor nível desde abr/21 (+3,0%). Já os preços ao produtor (PPI) vieram um pouco acima do esperado (+0,2%) ante expectativa de 0,1%, embora ainda em baixo nível, reforçando a confiança no processo de desinflação do país.

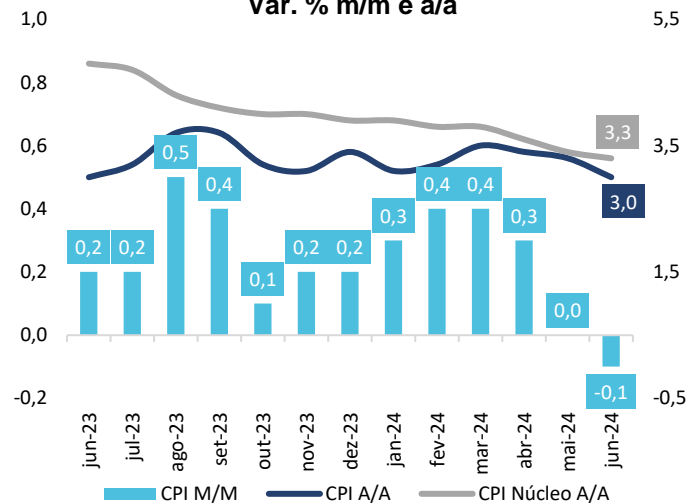
Na China, os dados do setor externo de junho apresentaram sinais mistos. Do lado positivo, as exportações subiram 8,6% ante jun/23, acima do esperado (+8,0%). Por outro lado, as importações recuaram 2,3% no mesmo comparativo, onde era esperada alta (+2,5%), confirmando a fraqueza da demanda doméstica interna no país. Neste sentido, os dados de inflação confirmaram esse cenário, com a inflação ao consumidor (CPI) registrando alta de apenas 0,2% nos últimos 12 meses (ante +0,3%), enquanto os preços no atacado (PPI) seguem em terreno deflacionário (-0,8% nos últimos 12 meses).

Quadro 6: EUA – Índices de Ações dos EUA
Base 100 = 01/01/2024



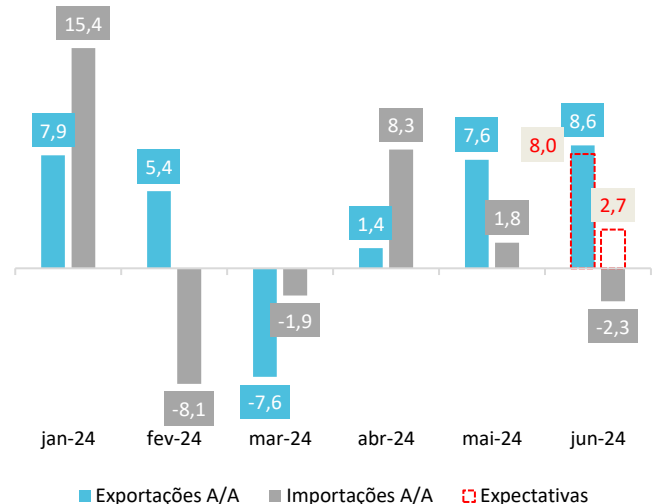
Fonte: Bloomberg.

Quadro 7: EUA – Inflação ao Consumidor (CPI)
Var. % m/m e a/a



Fonte: Bloomberg.

Quadro 8: China – Exportações e Importações
Var. % ante o mesmo mês do ano anterior



Fonte: Bloomberg.

**The Banker
Top 1.000 World Banks 2024**

CRÉDITO / BANCOS

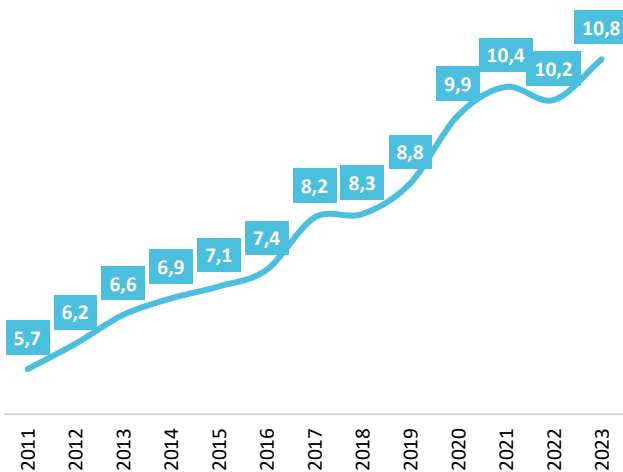
A partir desta semana iniciaremos uma série de análises com base nas informações disponibilizadas pela revista The Banker, publicação associada ao jornal Financial Times, que divulgou na última quarta-feira (10) o ranking Top 1000 World Banks 2024, com dados referentes ao ano de 2023. A publicação leva em consideração o volume de Capital Nível 1 (Tier 1), em US\$, dos maiores conglomerados financeiros do mundo (seguindo os critérios de capital do Comitê de Basileia), que é formado, basicamente, pelo capital social dos bancos (ações ON e PN), lucros acumulados, reservas de capital e instrumentos subordinados adequados à regulação (títulos perpétuos). Tal parcela do capital é responsável por assegurar de forma mais efetiva a solvência da instituição financeira.

A base de dados total é composta por mais de cinco mil bancos. Vale ressaltar que os dados das filiais dos bancos com capital estrangeiro são considerados em sua matriz. As informações do Santander Brasil, por exemplo, são consolidadas na Espanha.

Nesta semana, avaliamos os principais aspectos do ranking e os dados de Capital Nível 1 por bancos, países e regiões. Outros temas serão abordados nas próximas edições do boletim. De forma geral, a revista destacou que o ano de 2023 foi marcado por taxas de juros elevadas nas principais economias globais, em função do combate à inflação. Com isso, os bancos destas regiões, como a Europa e os EUA, se beneficiaram com o aumento das receitas advindas de juros (*interest income*) ajudando a impulsionar os seus resultados. Ao mesmo tempo, apesar dos juros mais elevados, não houve uma piora significativa da capacidade de pagamento das famílias e empresas, exceto em alguns segmentos (imobiliário comercial). Porém, a publicação aponta que o setor não deve voltar a registrar números tão positivos em 2024, diante do início da redução das taxas de juros pelos BCs; pressão no custo de captação das IFs, onde os clientes tem migrado seus recursos para depósitos com remuneração mais atrativa; além do provável aumento da inadimplência, em função do ambiente mais adverso (desaceleração econômica e juros ainda elevados).

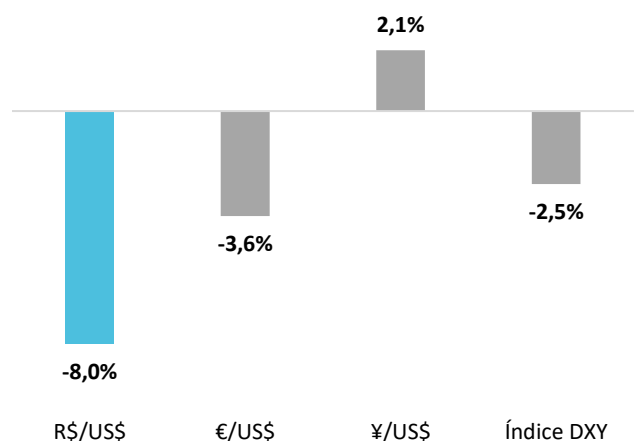
Diante de tal contexto, o Capital Nível 1 agregado dos 1000 maiores bancos do mundo atingiu US\$ 10,8 tri em 2023, subindo 6,6% ante o ano anterior (US\$ 10,2 tri), conforme o Quadro 9. Assim, o indicador voltou a subir após recuar em 2022, quando o fortalecimento global do dólar, decorrente do aperto monetário promovido pelo Fed, reduziu os valores reportados pelos bancos em suas respectivas moedas. Por outro lado, o dólar apresentou alguma depreciação ante as principais moedas em 2023, com o índice DXY* recuando 2,5% no período. Neste sentido, a variação cambial ajudou levemente a impulsionar os valores reportados nesta edição, especialmente por parte dos países cujas moedas tiveram maior ganho ante o dólar. Uma das exceções foi a China, onde sua moeda se depreciou 2,1% no ano, prejudicando a comparação da evolução das principais métricas do seu setor bancário com os demais países.

Quadro 9: Evolução do volume de Capital Nível 1 dos 1000 maiores bancos do mundo (US\$ tri)



Fonte: The Banker

Quadro 10: Desempenho do dólar (Var. % 2023/22)



Fonte: Bloomberg. *Índice DXY é composto por uma cesta das 6 principais moedas do mundo: euro, iene japonês, libra esterlina, dólar canadense, coroa sueca e franco suíço.

Ainda assim, a China segue dominando o *ranking*, ocupando as quatro primeiras colocações, na mesma ordem que no ranking de 2023. O líder pelo 12º ano consecutivo foi o Industrial and Commercial Bank of China (ICBC), com um volume de Capital Nível 1 de US\$ 523,4 bi, alta de 5,2% no ano. Para efeito de comparação, o volume de capital do banco é quase o dobro do maior banco dos EUA, o JP Morgan, que seguiu na 5ª colocação. Na sequência, figuram os bancos dos EUA, com o JP Morgan, seguido por BofA, Citi e Wells Fargo. Fechando os 10 primeiros lugares aparecem mais dois bancos chineses. O China Merchants Bank saiu da 11ª posição para a 10ª no ranking atual, desbancando o britânico HSBC, até então, o único europeu no Top 10. Com isso, dentre os 10 primeiros colocados, o ranking conta apenas com bancos chineses (6) e norte-americanos (4).

Com relação aos bancos brasileiros, o país seguiu com 14 IFs listadas entre as 1000 maiores. Contudo, a performance foi positiva, uma vez que, em geral, os bancos ganharam posição no ranking quando comparado ao ano anterior. O Itaú Unibanco segue como o líder, com US\$ 38,3 bi de Capital Nível 1, passando da 66ª para a 59ª posição do ranking global, seguido por Banco do Brasil (69ª), Bradesco (85ª) e Caixa Econômica Federal (95ª) entre os 100 maiores. Dentre os bancos que mais ganharam posição no ranking, ou seja, que apresentaram os maiores aumentos dos seus respectivos níveis de Capital Nível 1, destaque para o Nubank (508ª ante 831ª), Sicredi (770ª ante 909ª) e Safra (272ª ante 376ª), refletindo, neste caso, a incorporação do Banco Alfa. Conforme citado anteriormente, como os resultados são mensurados em dólar, os bancos brasileiros se beneficiaram da apreciação da moeda brasileira no período, que saiu de R\$/US\$ 5,28 no final de 2022 para R\$/US\$ 4,86 em 2023, se valorizando 8,0%. Assim, cerca de metade do aumento agregado de 16,2% em dólares do nível de Capital Nível 1 dos bancos do país, refletiu a variação cambial.

Quadro 11: Ranking por Capital Nível 1 - Top 10 e IFs brasileiras

Ranking		Banco	País	Capital Nível 1	
2023	2022			US\$ mi	Var. %
1	1	Industrial and Commercial Bank of China	China	523.378	5,2%
2	2	China Construction Bank Corporation	China	440.403	8,1%
3	3	Agricultural Bank of China	China	402.654	6,0%
4	4	Bank of China	China	359.982	6,0%
5	5	JP Morgan Chase & Co	US	277.306	12,9%
6	6	Bank of America	US	223.323	7,1%
7	7	Citigroup	US	172.504	2,0%
8	8	Wells Fargo & Co	US	159.823	4,8%
9	9	Bank of Communications	China	151.496	4,2%
10	11	China Merchants Bank	China	148.145	12,6%
59	66	Itaú Unibanco Holding	Brazil	38.252	19,7%
69	69	Banco do Brasil	Brazil	32.320	6,7%
85	86	Banco Bradesco	Brazil	25.912	12,1%
95	100	Caixa Economica Federal	Brazil	22.112	7,2%
190	209	Banco BTG Pactual	Brazil	9.573	27,0%
272	376	Banco Safra	Brazil	5.833	63,9%
508	831	Nubank	Brazil	2.396	161,5%
520	581	Banco do Nordeste do Brasil	Brazil	2.300	27,2%
653	653	Banco do Estado do Rio Grande do Sul	Brazil	1.610	7,6%
681	711	Banco Daycoval	Brazil	1.478	14,2%
745	764	Banco Inter	Brazil	1.268	12,0%
769	845	Banco da Amazonia	Brazil	1.195	36,1%
770	909	Banco Cooperativo Sicredi	Brazil	1.193	64,5%
886	974	Banco Cooperativo do Brasil	Brazil	852	40,8%

Fonte: The Banker

Avaliando o ranking por região (Quadro 12), a Ásia e Pacífico segue na liderança, respondendo por metade do Capital Nível 1 da amostra, com 383 instituições na lista das mil maiores, com alta de 6,6% do volume de capital ante 2022, em linha com o movimento global (+6,6%). O resultado foi puxado pelo setor bancário chinês (33% do volume total de capital ou 142 IFs), cujo capital subiu 7,0% no período, além dos bancos indianos, que viram o volume de capital subir 26,9%. Já a Europa Ocidental ficou em 2º lugar, com 22% do capital total e 219 IFs na lista, com alta de 7,3% do volume de capital em 2023. Por fim, a América do Norte, viu seu capital aumentar proporcionalmente menos que os dois continentes líderes, com alta de 5,9%.

Os EUA perderam 7 bancos na amostra (atingindo 189), refletindo o estresse dos bancos regionais, onde bancos menores foram incorporados por IFs maiores. O caso mais relevante foi do Pacwest, incorporado ao Banc of California, que ocupava a 382ª colocação no ranking de 2022. Ainda assim, os bancos dos EUA viram seu volume de capital crescer 6,8%, representando 16,5% do total.

Já na América do Sul, o desempenho ficou acima da média global (+13,8%) puxado, especialmente, pelo Brasil (+16,2%). Com isso, a participação no volume total de capital dentre os 1000 maiores do continente atingiu 1,9%, com a adição de dois bancos na lista (Equador e Peru).

O Quadro 13 traz a evolução da participação do Brasil, que segue com o maior número de IFs no ranking desde 2014, além de ter elevado novamente a sua representatividade, atingindo 1,3% no volume de Capital da amostra, voltando ao nível de 2018. Com isso, o Brasil melhorou sua posição, saindo da 18ª para a 15ª colocação geral do ranking, ultrapassando países como Holanda (16ª), Arábia Saudita (17ª) e Rússia (18ª).

Por fim, o Quadro 14 traz a evolução da importância relativa de alguns países selecionados. Nota-se que após o forte aumento da representatividade do setor bancário da China entre 2012 a 2021, o país viu tal movimento estagnar, diante da perda recente de dinamismo de sua economia. Ainda assim, representa quase 1/3 do ranking, seguido dos EUA (16,5%), cuja participação tem se mantido estável, enquanto os bancos japoneses e europeus seguem perdendo espaço.

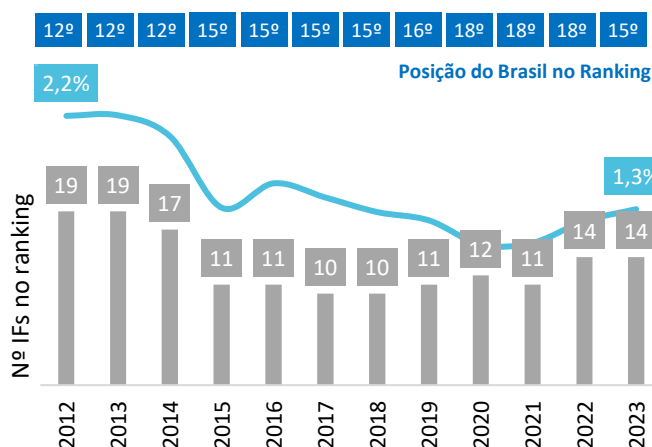
Quadro 12: Ranking por Capital Nível 1 Regiões e Países

Região/País	Nº de bancos	Posição do País	Capital Nível 1 em US\$ bi	Var. %	% do Capital Total
Ásia e Pacífico	383		5.377,3	6,6%	49,6%
China	142	1º	3.554,3	7,0%	32,8%
Japão	81	3º	551,8	-4,5%	5,1%
Índia	29	7º	270,9	26,9%	2,5%
Coreia do Sul	11	10º	221,3	6,7%	2,0%
Europa	219		2.390,6	7,3%	22,1%
França	6	4º	488,8	10,3%	4,5%
Reino Unido	26	5º	406,0	4,8%	3,7%
Suíça	36	9º	229,8	-0,2%	2,1%
Espanha	13	8º	238,0	9,3%	2,2%
América do Norte	205		2.105,6	5,9%	19,4%
EUA	189	2º	1.793,4	6,8%	16,5%
Canadá	13	6º	302,9	0,9%	2,8%
Oriente Médio	63		434,6	7,1%	4,0%
América do Sul	39		209,2	13,8%	1,9%
Brasil	14	15º	146,3	16,2%	1,3%
Chile	7	42º	20,1	7,8%	0,2%
Europa Leste e Central	31		181,3	0,6%	1,7%
Rússia	14	18º	129,0	-2,4%	1,2%
África	28		78,4	-7,6%	0,7%
África do Sul	6	33º	39,5	-3,2%	0,4%
América Central	19		41,7	24,0%	0,4%
México	8	39º	26,7	28,8%	0,2%
Ásia Central	7		11,1	42,5%	0,1%
Caribe	6		6,7	-1,3%	0,1%
Total	1.000		10.836,6	6,6%	100%

Fonte: The Banker

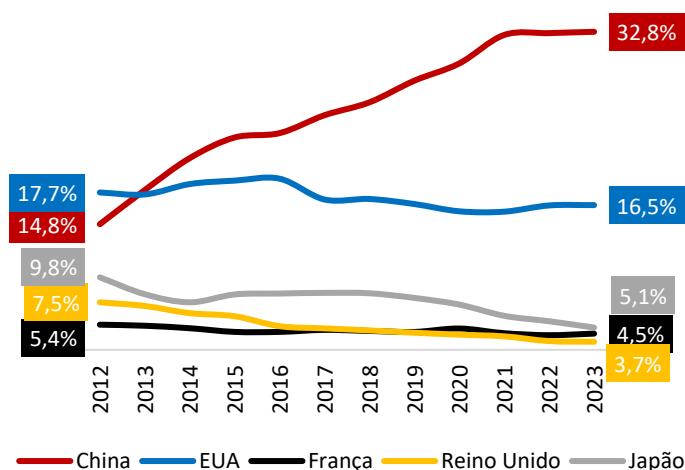
Quadro 13: Participação do Brasil no ranking (Capital Nível 1 em % do total)

2012 2013 2014 2015 2016 2017 2018 2019 2020 2021 2022 2023



Fonte: The Banker

Quadro 14: Participação dos países no ranking (Capital Nível 1 em % do total)



Resultado Financeiro dos Bancos Norte-Americanos – 2º tri/24

CRÉDITO / BANCOS

Na última sexta (12), três dos principais bancos de varejo dos EUA divulgaram seus resultados do 2º trimestre de 2024. As divulgações mostraram que o ambiente de juros altos tem pesado sobre o custo dos depósitos, que tem crescido mais do que as receitas com juros desde o início do ano. Outro ponto de atenção são as provisões para devedores duvidosos (PDD), que subiram no trimestre em meio ao aumento da inadimplência no cartão de crédito. Por outro lado, as receitas das unidades de banco de investimento tem se recuperado, num cenário de expectativa de queda dos juros e recordes dos preços das ações. O Bank of America, que completa os quatro maiores bancos de varejo do país, divulga seus resultados nesta terça (16).

Quadro 15: Indicadores Financeiros dos Principais Bancos dos EUA no 2º tri/24

Indicadores	JP Morgan	Citi	Wells Fargo
Lucro Líquido US\$ bi	18,1	3,2	4,9
Lucro por Ação Divulgado / Ajustado* (expectativa)	6,12 / 4,26* (4,19)	1,52 (1,39)	1,33 (1,29)
ROE anualizado (trimestre)	23,0%	6,3%	11,5%
Receita US\$ bi	51,0	20,1	20,7
Despesas com PDD US\$ bi (- = liberação de PDD)	3,1	2,5	1,2
Carteira de Crédito US\$ bi	1.320,7	687,7	917,9

JP MORGAN: O banco registrou lucro líquido recorde de US\$ 18,1 bi (ou US\$ 6,12 por ação) no 2T24, alta de 35,2% no trimestre e de 25,4% ante o 2T23. Porém, o resultado contou com ganhos extraordinários, fruto da conversão da participação na Visa em ações ordinárias, que gerou um ganho de US\$ 1,86 por ação. Assim, tirando tal efeito, o lucro líquido por ação foi de US\$ 4,26, pouco acima do esperado (US\$ 4,19); e, de US\$ 13,1 bi no trimestre, queda ante o 1T14 (-2,4%) e 2T23 (-9,5%). O ROE anualizado, por sua vez, foi de 23,0% (ou 20,0% ajustado pelos fatores não recorrentes), voltando ao mesmo patamar de um ano atrás.

As receitas totalizaram US\$ 51,0 bi no trimestre, acima do esperado (US\$ 49,9 bi), com alta de 20,3% ante o 2T23. Destaque para o banco de investimento da IF, cujas receitas cresceram 46,0%, beneficiado pelo reaquecimento do mercado de capitais no país. Já as receitas do varejo, principal segmento do banco (35% da receita total), subiram apenas 2,7% em 12 meses. De toda forma, a margem líquida de juros (NII) da IF cresceu 4,4% ante o 2T23, na contramão dos demais *players*, que tiveram queda da margem no trimestre.

As despesas operacionais subiram 13,9% na comparação com o mesmo período do ano anterior, pressionadas pela incorporação do banco First Republic na crise dos bancos regionais no ano passado. Um ponto de atenção foram as despesas com PDD, que atingiram US\$ 3,1 bi, alta de 62,0% no trimestre e 5,3% em 12 meses, indicando que o banco espera um ambiente mais desafiador à frente, em meio a desaceleração do mercado de trabalho e juros ainda em patamares altos. A carteira de crédito do banco, a maior dos EUA, atingiu US\$ 1.320,7 bi, praticamente estável (+1,6%) em 12 meses.

CITI: O banco registrou lucro de US\$ 3,2 bi no 2T24, o que corresponde a US\$ 1,52 por ação, acima do esperado (US\$ 1,39). O resultado representa uma queda de 4,6% no trimestre, mas ficou 10,4% acima do registrado no 2T23. De toda forma, a rentabilidade (ROE) anualizada do Citigroup segue bem abaixo de seus pares (6,3%). As receitas totalizaram US\$ 20,1 bi no trimestre, subindo 3,6% em 12 meses, puxadas pelo bom desempenho do banco de investimento (+60,0%). Já a margem líquida de juros caiu 9,4% ante o 2T23.

Do lado das despesas, os gastos com PDD subiram 35,7% ante o 2T23, atingindo US\$ 2,5 bi, em função de maiores perdas no mercado de cartões de crédito. Por outro lado, a reestruturação e desinvestimentos recentes realizados pela IF tem sido capaz de controlar as despesas operacionais, que caíram tanto no tri (-5,9%) como na comparação anual (-1,6%). Já a carteira de crédito do Citi subiu 4,1% em 12 meses, chegando a US\$ 687,7 bi.

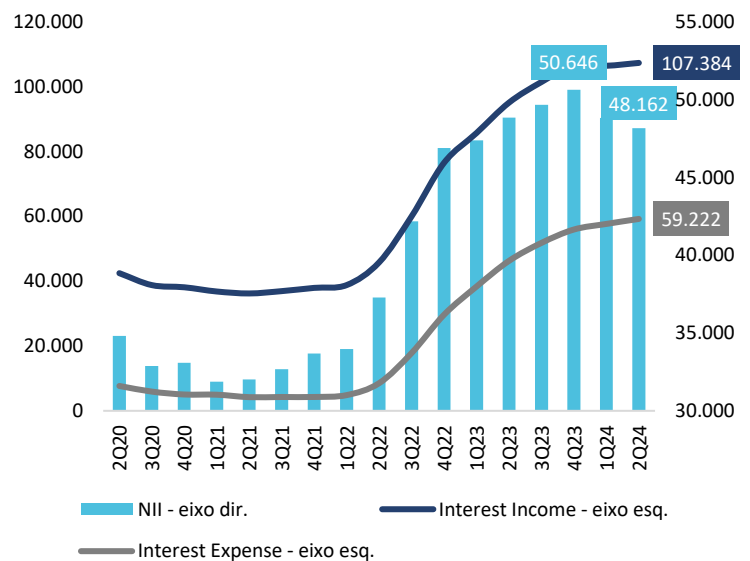
Resultado Financeiro dos Bancos Norte-Americanos – 2º tri/24

WELLS FARGO: registrou um lucro líquido de US\$ 4,9 bi no 1º trimestre, alta de 6,3% no trimestre e praticamente estável (-0,6%) em 12 meses. O lucro por ação foi de US\$ 1,33, muito próximo do esperado pelos analistas (US\$ 1,29). O resultado equivale a um ROE anualizado de 11,5% no 2T24, alta de 1,0 pp ante o 1T24 e de 0,1 pp contra o 2T23. Apesar do resultado positivo, o balanço trouxe nova queda (-9,4% ante o 2T23) da receita líquida de juros (*net interest income – NII*), ou seja, as despesas de juros (+43,0%) cresceram bem acima dos ganhos com juros no período (+9,9%). Assim, após os fortes ganhos ao longo de 2023, o avanço das receitas com juros tem se estabilizado, enquanto os depositantes tem buscado investimentos mais atrativos, pressionando o custo de *funding* das IFs. Tal quadro tende a apertar a margem do banco e deixa uma perspectiva ruim para os resultados futuros, dado que as receitas com juros devem começar a cair, assim que o Fed iniciar o ciclo de flexibilização monetária.

A receita total atingiu US\$ 20,7 bi, ligeiramente acima do esperado (US\$ 20,3 bi) e praticamente estável (+0,8%) no comparativo ante o 2T23. O segmento mais relevante do banco, o varejo ao consumidor (que responde por 44% da receita total da IF), registrou queda de 4,7% das receitas no período, enquanto a área de banco de investimento também aproveitou a tendência geral de alta e subiu 38,3%. Já a PDD ficou em US\$ 1,2 bi, recuando 27,8% em um ano, com menores perdas na maior parte das linhas, mas com alta nas provisões no cartão de crédito, assim como seus pares. Por fim, a carteira de crédito do banco atingiu US\$ 917,9 bi, recuando 3,2% em 12 meses.

O Quadro 16 ilustra a evolução das receitas e despesas advindas de juros (*interest income e interest expense*) dos três bancos norte-americanos que já divulgaram o resultado do 2T24. Verifica-se que as receitas com juros subiram mais rápido do que os custos, durante o ciclo de alta dos juros pelo Fed. Com isso, a margem líquida de juros (NII) atingiu seu pico no 4T23 (US\$ 50,7 bi). A partir do 1T24, tal dinâmica se inverteu com maior crescimento do custo dos depósitos, levando a uma redução da NII, embora ainda em nível elevado. Um ponto relevante que será observado nos próximos trimestres é se os bancos conseguirão conter o aumento do custo do *funding* conforme o Fed volte a cortar os juros.

Quadro 16: Receitas e Despesas de juros agregado (JP Morgan, Citi e Wells Fargo) – Em US\$ milhões



Fonte: Balanço dos Bancos. Elaboração: Febraban.



MERCADOS E EXPECTATIVAS

FOCUS – Indicadores Selecionados	2024				2025			
	12/07/24	05/07/24	14/06/24	Viés	12/07/24	05/07/24	14/06/24	Viés
IPCA (%)	4,00	4,02	3,96	▼	3,90	3,88	3,80	▲
PIB (% de crescimento)	2,11	2,10	2,08	▲	1,97	1,97	2,00	↔
Meta Selic - fim do ano (% a.a.)	10,50	10,50	10,50	↔	9,50	9,50	9,50	↔
Taxa de Câmbio - fim do ano (R\$/US\$)	5,22	5,20	5,13	▲	5,20	5,20	5,10	↔

Fonte: Banco Central do Brasil.

Indicadores do Mercado	12/07/24	Variação %			
		Na semana	No mês	No ano	12 meses
NACIONAL					
Taxa de câmbio (R\$/US\$)	5,43	-0,57%	-2,95%	11,78%	13,07%
CDS Brasil 5 anos (em pontos)	146,67	-7,27%	-13,93%	10,73%	-15,91%
Juros DI 30 dias (% a.a.)	10,41	0,00%	-0,06%	-10,59%	-23,05%
Juros DI 1 ano (% a.a.)	10,92	-0,36%	-2,82%	8,75%	-6,02%
Juros DI 5 anos (% a.a.)	11,68	-2,45%	-5,75%	15,89%	11,69%
Índice Ibovespa (em pontos)	128.896,98	2,08%	4,03%	-3,94%	8,08%
IFNC (setor financeiro)	12.661,91	2,49%	4,10%	-8,27%	3,42%
INTERNACIONAL					
Fed Funds (% a.a.)	5,50	0,00%	0,00%	0,00%	4,76%
T-NOTE - 2 anos (% a.a.)	4,45	-3,30%	-6,36%	4,74%	-3,86%
T-NOTE - 10 anos (% a.a.)	4,18	-2,23%	-4,85%	7,83%	11,15%
Dollar Index	104,08	-0,75%	-1,68%	2,71%	4,32%
Índice S&P 500 (em pontos)	5.615,35	0,87%	2,84%	17,73%	24,51%
Índice de ações de bancos – EUA	104,46	8,60%	5,92%	-4,62%	13,04%
Índice Euro Stoxx 50	5.043,02	1,28%	3,04%	11,54%	14,83%
Índice de ações de bancos - Zona do Euro	143,23	0,63%	4,69%	21,02%	30,24%
Barril de Petróleo - tipo Brent (US\$)	85,20	-1,55%	-1,40%	10,59%	4,72%

Fonte: Bloomberg.

Diretoria de Economia, Regulação Prudencial e Riscos
economia@febraban.org.br

Rubens Sardenberg
 Jayme Alves
 Luiz Fernando Castelli
 Daniel Casula
 João Vítor Siqueira